

“UM REVOLUCIONÁRIO DOS MAIS AUTÊNTICOS”: LEO GUEDES ETCHEGOYEN ATRAVÉS DOS ELOGIOS MILITARES

Mariani Casanova da Silva ¹, Alini Farias ², Daniel Lopes Saraiva ³, Sofia Badalotti da Motta ⁴, Pâmela Minuzi Machado ⁵, Eduardo Rodrigues Martorano ⁶, Mariana Rangel Joffily ⁷

¹ Acadêmica do Curso de História FAED/UDESC – bolsista PIVIC/UDESC

² Acadêmica do Curso de História FAED/UDESC – bolsista PIVIC/UDESC

³ Doutorado do Departamento de História/PPGH/FAED – bolsista CAPES

⁴ Acadêmica do Curso de História FAED/UDESC – bolsista PIVIC/UDESC

⁵ Acadêmica do Curso de História FAED/UDESC – bolsista PIVIC/UDESC

⁶ Mestrando do Departamento de História/PPGH/FAED – bolsista CAPES

⁷ Orientadora, Departamento de História/PPGH/FAED – mrjoffily@gmail.com

Palavras-chave: Agentes repressivos. Ditadura militar. Repressão

O presente trabalho se insere no projeto de pesquisa desenvolvido pela Prof^a Dr^a Mariana Joffily intitulado “A repressão em carne e osso: Formação, treinamento e trajetória profissional de agentes” (2016), que objetiva principalmente a identificação de como foi formado no Brasil um conjunto de agentes preparados para o controle da subversão, priorizando compreender de que maneira se dava a profissionalização dos mesmos. A pesquisa intenta também identificar origens geográficas ou sociais comuns entre os agentes, e semelhanças em suas trajetórias militares, buscando critérios de seleção de pessoal para a composição de órgãos repressivos. Tendo em vista os objetivos expostos, faz-se uso da documentação disponibilizada à pesquisa pela Comissão Nacional da Verdade, além de fontes do Arquivo Nacional dos Estados Unidos acerca do treinamento policial e militar de agentes brasileiros em território estadunidense.

O golpe de 1964, o subsequente período ditatorial vivido pelo Brasil e a conformação desse corpo de agentes repressivos pode ser estudado a partir de diversas perspectivas, uma delas é através da documentação burocrática do Exército, ditas Folhas de Alteração. Presentes nessas estão as trajetórias dos agentes foco da pesquisa, que recebiam referências elogiosas ao longo de suas carreiras em momentos específicos, tal como entrada e saída de órgãos, transferência para a reserva e recebimento de medalhas.

Especificamente através desses elogios, é possível identificar uma série de valores pessoais e profissionais atribuídos aos militares considerados exemplares, assim como ao longo dos anos e com o golpe se tornaram recorrentes os elogios que dizem respeito à conduta do combate à subversão, além de evidenciar o mérito conferido aos agentes cuja participação fora ativa durante o estabelecimento do regime.

O trabalho desenvolvido por mim durante o ano de 2018, a partir da documentação citada previamente, consistiu no levantamento da trajetória de um agente repressivo cuja participação no golpe e no regime ditatorial se destaca e é reconhecida por seus pares por meio dos elogios presentes em suas Folhas de Alteração. Leo Guedes Etchegoyen (1923-2003), um dos 377 agentes citados como responsáveis pelos crimes cometidos na ditadura, pertence a uma família cuja participação no Exército vale a pena mencionar. Seu pai, Alcides Gonçalves Etchegoyen

(1901-1956), e seu irmão, Cyro Guedes Etchegoyen (1929-2012) (sendo esse citado também na lista de responsáveis), apresentaram também participação ativa no Exército, tendo seu pai grande participação na Revolução de 1930, e Cyro Guedes distinta carreira militar, com destaque para sua atuação no Gabinete do Ministro do Exército, então General Orlando Geisel.

Atualmente a presença da família Etchegoyen também pode ser percebida, visto que em 2014, logo após a divulgação da lista de responsáveis por crimes durante o período ditatorial, o filho de Leo Guedes, General Sérgio Westphalen Guedes (1952-), na época Chefe do Departamento Geral do Pessoal, protestou contra a inclusão do pai na lista de violadores dos direitos humanos pela Comissão Nacional da Verdade.

Os elogios prestados a Leo Guedes Etchegoyen nos anos que precedem o golpe e durante o regime ditatorial transparecem sua participação nesses processos. No segundo semestre de 1962, pouco antes ao episódio referido como “Revolução de 31 de Março” nas fontes trabalhadas, Etchegoyen é citado como “discreto”, termo utilizado raramente nos elogios, e que aparece inúmeras vezes ao longo dos anos nas Folhas de Alteração do agente.

O agente não é citado nos volumes dos relatórios da Comissão Nacional da Verdade, mas, como observado em suas Folhas de Alteração, se encontrava no Estado-Maior do III Exército durante a época do golpe militar, prestando, segundo elogio conferido por Jayme Portella de Mello - na época Chefe do Escalão Avançado do Gabinete do Ministro de Guerra - “relevantes serviços à causa revolucionária, com ardor, pertinácia e destemor”. Teve sua participação na referida “Revolução Democrática de 1964” reconhecida em 1969 por Emilio Garrastazu Médici, então Comandante do III Exército, além de ter sido considerado, em diversos elogios, um “revolucionário dos mais autênticos” por seu “posicionamento democrático” e combate “aos promotores da desordem e pregadores da violência”.

Esse estudo inicial sobre Guedes Etchegoyen contribui para o reconhecimento da participação dos agentes repressivos no regime ditatorial, além de ser internamente ligado aos objetivos da pesquisa como um todo, pois através dos momentos mais espontâneos dos elogios atribuídos ao agente, é possível perceber a mudança nos adjetivos mais usados por seus pares antes e depois do golpe militar, tornando possível observar o caráter profissionalizante que circunda o momento estudado.

O General Sergio W. Etchegoyen, filho de Leo Guedes Etchegoyen, assumiu em 2015 o cargo de Chefe do Estado-Maior em Brasília (Distrito Federal), onde esteve até o ano de 2016, quando foi nomeado para seu atual cargo de Ministro-Chefe do Gabinete de Segurança Institucional da Presidência do Brasil pelo atual presidente do país, Michel Temer. Essas relações inscrevem o presente trabalho na área da História do Tempo Presente, tendo em vista a forte e recorrente presença da figura do General em episódios recentes, tais quais a greve dos caminhoneiros desse ano, e seu apoio à intervenção federal no Rio de Janeiro, decretada no início deste ano pelo atual presidente.